

Street River, Identidades e Sociabilidade: A Cultura Urbana do Grafite nas Comunidades Ribeirinhas a partir da Convergência das Mídias¹

Lucas Gil Corrêa dos SANTOS²

Manuela do Corral VIEIRA³

Analaura CORRADI⁴

Universidade da Amazônia – Unama | Ser Educacional e Universidade Federal do Pará – UFPA, Pará, PA

Resumo: Este estudo se propõe analisar como os meios de comunicação tradicionais e digitais divulgaram o projeto de artes gráficas Street River, que levou a cultura urbana do grafite às populações ribeirinhas da Ilha do Combu; e como tais plataformas fomentaram marcações identitárias e de laços de sociabilidade entre os usuários de tais ferramentas, em uma interseção entre os campos de estudo da comunicação e da antropologia. Para tanto, além da análise de reportagens de jornais impressos, telejornais e conteúdos digitais, foi feita pesquisa etnográfica com viagem até a Ilha e com jovens da cidade de Belém a fim de compreender como a "Belém ribeirinha" é reconhecida por estes usuários das redes sociais da internet.

Palavras-chave: consumo cultural; culturas urbanas; identidade; sociabilidade; cultura da convergência.

Introdução

Ao cruzar as águas da Baía de Guajará, a primeira imagem de Belém é formada por várias embarcações de trabalhadores descarregando as mercadorias com as quais trabalham em frente à Feira do Ver-o-Peso. Nela, cheiros e cores das frutas e ervas típicas da região Amazônica predominam. As copas das mangueiras formam túneis por sobre as ruas da cidade, na qual construções históricas e modernos edifícios coexistem por diversos bairros de Belém. Atravessando novamente as águas que banham os arredores da cidade, desta vez as águas do Rio Guamá, é possível conhecer parte das ilhas que formam a porção insular do estado, entre elas a Ilha do Combu, na qual aconteceu o projeto de artes gráficas Street River, que ganhou repercussão nas mídias tradicionais e digitais entre os anos de 2015 e 2016. O projeto será detalhado mais adiante, a partir dos seguintes eixos: análise dos meios de divulgação, no que se refere à convergência e combinação entre os meios tradicionais e

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Culturas Urbanas, do DT Interfaces Comunicacionais, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade da Amazônia (Unama), bolsista PIBIC/CNPq na Universidade da Amazônia (Unama/Ser Educacional), email: lucas.correiodossantos20@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora Adjunta da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal do Pará (FACOM/UFPA), coordenadora do Projeto de Pesquisa “Consumo, Identidade e Amazônia: relações de sociabilidade e interação através da comunicação”, email: manuelacorralv@yahoo.com.br

⁴ Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (Unama/Ser educacional), email: corradi7@gmail.com

digitais; apoio dos veículos na divulgação do projeto e nas marcações identitárias e de sociabilidade.

Um dos aspectos fundamentais que envolvem a vida em sociedade dos sujeitos são as interações estabelecidas nas esferas cultural, social e subjetiva. Estas interações, segundo Georg Simmel (1983), constituem laços de sociabilidade que, de acordo com este pesquisador, podem se unir ou se afrouxar de acordo com o contexto de interações no qual são formados. Esta união-afrouxamento dos laços de sociabilidade influencia diretamente na aproximação e separação entre indivíduos e grupos, como analisa Simmel (1983). Sobre a formação destes grupos por parte dos sujeitos, este pesquisador os chama de sociação:

Desse modo, a sociação é a forma (realizada de incontáveis maneiras diferentes) pela qual os indivíduos se agrupam em unidades que satisfazem seus interesses. Esses interesses, quer sejam sensuais ou ideais, temporários ou duradouros, conscientes ou inconscientes, causais ou teleológicos, formam a base das sociedades humanas. (SIMMEL, In: MORAES FILHO, 1983, p.166)

Destarte, é pertinente traçar um paralelo das interações apontadas por Simmel (1983) com os estudos de Herbert Blumer (1980) sobre interacionismo simbólico⁵, que foram apropriados pela Escola de Chicago⁶. Para esta Escola, os processos interacionais entre os indivíduos e a coletividade possuem a comunicação como símbolo constituinte das relações. De acordo com o interacionismo simbólico, tais relações são pautadas por meio da compreensão subjetiva de símbolos em um triplo alicerce: as interações entre sujeitos e sociedades são constituidoras de significados; estes, por sua vez, ganham novas dimensões a partir da interpretação dada pelos indivíduos e, por fim, os comportamentos e as relações entre sujeitos ou grupos, bem como práticas comunicacionais estabelecidas, são pautados por meio de atribuições dadas a determinados símbolos constituintes de relações, de acordo com Hans Joas (1999), já que, “Assim, as relações sociais são vistas, não como algo estabelecido de uma vez por todas, mas como algo aberto e subordinado ao reconhecimento contínuo por parte dos membros da comunidade” (JOAS, In: GIDDENS & TURNER, 1999, p.130).

Cabe destacar, nos estudos de Blumer (1980), que este considera a comunicação como facilitadora de significações ao mundo bem como experiências e interações passíveis de interpretações coletivas entre os sujeitos. Deste modo, tais interações que ocorrem,

⁵ Abordagem sociológica das relações humanas que considera importante a influência dos significados particulares trazidos pelo indivíduo na interação social e dos significados que ele obtém em sua interpretação destas interações.

⁶ Grupo de professores e pesquisadores surgido na década de 1920, que trouxeram contribuições à sociologia, psicologia social e ciências da comunicação.

sobretudo, no ambiente urbano delinear o principal foco de pesquisas da Escola de Chicago: a investigação dos fenômenos urbanos. Neste contexto, entra em cena o estudo da microssociologia, que teve como representante de maior destaque Erving Goffman (2004). Segundo Goffman (2004), a sociedade, mais que uma estrutura, é formada por meio de processos contínuos de interações que ocorrem em “nível micro”, entre indivíduos e pequenos agrupamentos, em certas localidades.

A partir desta análise acerca da microssociologia da Escola de Chicago, este trabalho percorre os rios e concretos das “diversas Beléns” que coexistem no cenário da Amazônia, a fim de analisar a divulgação que o projeto de artes gráficas Street River teve entre a mídia tradicional, aqui referida por meio de jornais impressos, revistas e televisão; e as recentes mídias digitais, que englobam uma ampla gama de sites e aplicativos de redes sociais, tais como diversos *blogs*⁷, Facebook⁸ e Instagram⁹. Para tanto, serão feitas análises a fim de observar aspectos de confluências, semelhanças e divergências entre tais dispositivos de comunicação, no modo como veicularam o projeto em suas respectivas plataformas, a partir da cultura de convergências das mídias e das marcações de sociabilidade e identidade do projeto Street River.

Figura 1 – Vista aérea da zona costeira de Belém



Fonte: Portal Belém do Pará

O recorte metodológico da pesquisa de campo foi estruturado em três etapas, que foram executadas de janeiro a maio de 2016. Na primeira parte foi feito um *clipping* reunindo informações e dados sobre o projeto, como reportagens de jornais, revistas e televisão e *printscreens*¹⁰ extraídos da rede social digital Facebook, do aplicativo de fotografias Instagram e do *blog* do artista visual Sebá Tapajós. Posteriormente, uma viagem

⁷ Simplificação do termo da língua inglesa *Weblog*, que significa Diário Online. São páginas da internet onde regularmente são publicados diversos conteúdos, como textos, imagens, músicas ou vídeos, tanto podendo ser dedicados a um assunto específico como ser de âmbito bastante geral.

⁸ Site de rede social lançado em fevereiro de 2004, nos Estados Unidos, no qual os usuários criam perfis que contêm fotos e listas de interesses pessoais, trocando mensagens privadas e públicas entre si e participantes de grupos de amigos.

⁹ Aplicativo de edição de fotos que se tornou uma rede social *on-line* de compartilhamento de fotos e vídeos entre seus usuários, que permite aplicar filtros digitais e compartilhá-los em uma variedade de serviços de redes sociais da internet.

¹⁰ Termo proveniente do inglês, que designa o ato de fazer uma foto da tela do computador ou de demais dispositivos portáteis de comunicação.

foi feita à Ilha do Combu, a qual foi o *locus*¹¹ do projeto, com o intuito de tomar conhecimento sobre o local e a população. E, por fim, foram estabelecidas interlocuções com sujeitos que visitaram a Ilha e tiveram contato com os grafites que constituem a galeria fluvial do Street River.

Foram estabelecidas dez interlocuções com indivíduos na faixa etária de 20 a 30 anos, que vivem na Região Metropolitana de Belém. Das dez interlocuções, cinco foram utilizadas, com o intuito de fazer uma análise mais aprofundada das conversas realizadas. Dentre os cinco interlocutores, quatro deles são estudantes universitários. Apesar de ser estabelecida uma faixa de idades, este trabalho busca uma abordagem subjetiva em relação aos interlocutores, pois, estes jovens foram selecionados a partir da identificação que cada um teve de se auto reconhecer jovem, por isso a delimitação da faixa etária teve esta característica marcado pelo auto reconhecimento, conforme ressalta Manuela Vieira (2013):

[As limitações de faixa etária] Não necessariamente englobam algo maior da definição de juventude que é o fato do indivíduo se identificar como jovem, independente da idade que tenha. Tratam-se de sujeitos que se reconhecem como jovens a partir dos modos de vida que possuem em seus territórios, enquanto espaços praticados. (VIEIRA, 2013, p.37)

A escolha deste público se deu a fim de saber a percepção que o projeto teve junto aos jovens moradores da cidade de Belém e área metropolitana. Todos os interlocutores selecionados moram na área de Belém e sua região metropolitana e foram interlocutores no sentido de observar a percepção sobre os impactos do projeto Street River de como a “Belém cidade” enxerga a “Belém ribeirinha”.

O auto reconhecimento dos interlocutores como jovens não foi o único fator a ser considerado na seleção dos interlocutores. Além deste, foram considerados os seguintes aspectos: todos se declararam apreciadores de manifestações artísticas contemporâneas e intervenções urbanas, como o grafite e tomaram conhecimento do projeto Street River pelas redes sociais da internet ou por amigos. Cabe ressaltar que os interlocutores foram abordados por meio do site de rede social Facebook, através de indicações feitas por usuários presentes no site. Num segundo momento, as conversas foram realizadas pessoalmente e por meio de *e-mails* e do *app*¹² de mensagens instantâneas WhatsApp¹³, no

¹¹ Expressão oriunda do latim, que significa “lugar”, “posição” ou “local”.

¹² Abreviatura do termo da língua inglesa *Application*, ou seja, aplicação. Aplicação essa que é instalada em dispositivos de comunicação.

¹³ Aplicativo de mensagens instantâneas e chamadas de voz para *smartphones*.

período de março a maio, com a finalidade de analisar a percepção de jovens sobre o projeto e sobre a vivência das “diversas Beléns” apresentadas no decorrer deste estudo. Adiante, será apresentado o cenário no qual o Street River aconteceu em sucessivas incursões à ilha.

Belém das Águas Ribeirinhas

De acordo com os resultados do Censo Demográfico 2010, o Pará é um dos estados com uma das maiores populações da região Norte, com 7.581.051 habitantes, ao lado do Amazonas. Na Região Metropolitana de Belém (PA)¹⁴, a estimativa de crescimento populacional para o ano de 2015, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), foi de 2.402.437 pessoas, distribuídas ao longo de uma área de 2.536,9 km², segundo dados do Censo 2010. Além da porção territorial, 39 ilhas somam-se à Região Metropolitana de Belém que, juntas, totalizam área equivalente a aproximadamente 329.9361 km². A porção insular de Belém é banhada por rios e baías, como Rio Guamá, Baía do Guajará, Baía do Marajó, Baía de Santo Antônio, etc.

Figura 2 – Mapa da Região Metropolitana de Belém



Fonte: Fórum digital SkyscraperCity

Dentre as ilhas que integram a porção insular da Região Metropolitana de Belém, está a Ilha do Combu, situada à margem esquerda do Rio Guamá, está distante da cidade de Belém por 1,5km. O local possui área 15,972 km², na qual predomina vegetação de várzea (Predominante em ambientes banhados pela Bacia Amazônica), composta por altas palmeiras de raízes aéreas, como foi observado em incursões para realização de parte da pesquisa de campo. A Ilha do Combu integra o município de Belém desde 1996. No ano seguinte, em 1997, recebeu o título de Área de Proteção Ambiental (APA), com o objetivo de preservação da fauna e flora locais bem como do uso consciente de seus recursos naturais. A população tradicional da Ilha do Combu é formada por cerca de 200 famílias de

¹⁴ Aglomeração urbana formada por pelos municípios de Belém, Ananindeua, Marituba, Benevides, Santa Isabel do Pará, Santa Bárbara do Pará e Castanhal.

povos ribeirinhos¹⁵, que possuem como principais atividades o extrativismo vegetal, em sua maioria de açaí e palmito, e a pesca artesanal, de acordo com o que moradores da Ilha declararam em breves interlocuções durante a viagem que foi parte da pesquisa de campo.

Figura 3 – Região costeira da Ilha do Combu



Fonte: Fotografia feita na visita de campo à Ilha do Combu

É neste cenário de rios e ilhas, no qual a natureza se faz presente de modo intenso e possui grande interferência no cotidiano da população, que o projeto de artes gráficas Street River foi posto em prática por artistas visuais de várias partes do Brasil. Seguindo esta breve contextualização da Região Metropolitana de Belém, junto com as ilhas que a integram, na próxima seção será feita uma abordagem específica acerca do projeto Street River.

O Grafite que Chegou às Matas

O projeto Street River nasceu a partir de uma ideia do artista visual paraense Sebastião Tapajós Júnior, conhecido como Sebá Tapajós, de proporcionar visibilidade social aos ribeirinhos que vivem na Ilha do Combu por meio da arte urbana. Dois aspectos foram fundamentais para que o projeto fosse posto em prática: a paixão pela região Amazônica e a conscientização de incluir a porção insular de Belém à parte continental do estado, onde se localizam as principais cidades do Pará. As primeiras interlocuções entre Sebá Tapajós e os moradores da Ilha ocorreram no ano de 2014 e, a partir deste episódio, as pinturas começaram a ser feitas de modo independente, na parte da Ilha denominada Furo Igarapé Combu, financiadas pelo próprio artista.

Em janeiro de 2016, houve outras incursões à Ilha, as quais contaram com a presença de artistas visuais de vários estados do Brasil. Nestas incursões, os artistas chegaram ao total de vinte obras finalizadas, entre casas e embarcações ribeirinhas, com desenhos que aludem aos movimentos dos rios e às florestas, que formam a primeira galeria

¹⁵ São aqueles que residem nas proximidades dos rios e têm a pesca artesanal e o extrativismo como principais atividades de sobrevivência.

de arte fluvial a céu aberto do mundo. Em entrevista ao jornal O Liberal¹⁶, de janeiro de 2016, Sebá Tapajós conta que a escolha da data das incursões do projeto está relacionada ao aniversário de 400 anos da cidade de Belém e a uma vontade de incluir os povos ribeirinhos em projeto sociais:

Fiquei muito incomodado ao ver que as programações do aniversário de Belém neste ano foram pensadas somente para os habitantes da cidade no continente e esqueceram, mais uma vez, os povos tradicionais. Aqui [no Combu], as dificuldades são grandes para conseguir educação, saúde e saneamento adequados.

As incursões de janeiro realizadas pelos artistas eram abertas ao público, os quais podiam se juntar aos artistas nas embarcações, mediante cadastro via internet, a caminho da Ilha para acompanhar a realização das pinturas que, além dos temas já citados, também incluem desenhos de habitantes do Combu e representações de índios e caboclos do folclore amazônico – outro modo de exaltar a cultura local. Outro aspecto ressaltado na mesma entrevista sobre o projeto é o crescimento da economia local proporcionado pelo projeto Street River, o qual é exemplificado pelo aumento no turismo local, com o crescente número de visitas de barco até os locais da galeria, onde estão as obras que formam o projeto, e a intenção de fazer com o que a iniciativa de Sebá Tapajós ganhe maior repercussão em meio à sociedade e trazer artistas internacionais para participar do Street River – o que consolidaria a Amazônia como uma das referências mundiais no mundo da arte urbana.

Figura 4 – Imagem promocional do projeto Street River



Fonte: Site do artista visual Sebá Tapajós

Figura 5 – Imagem promocional do projeto Street River



Fonte: Site do artista visual Sebá Tapajós

¹⁶ Jornal paraense que circula em Belém e na maior parte do Pará desde o ano de 1946.

Figura 6 – Imagem promocional do projeto Street River



Fonte: Site do artista visual Sebá Tapajós

Após esta apresentação do projeto, passamos para as análises relativas aos meios de comunicação nos projeto Street River foi divulgado, no que se referem à convergência das mídias tradicionais, como jornais impressos, revistas e telejornais; e digitais, como redes sociais da internet, *apps* e *blogs*; e as formas de narrativas midiáticas apresentadas nos veículos selecionados para este estudo. O outro eixo de análise a ser apresentado neste trabalho está voltado para compreender as marcações de identidade e sociabilidade formadas a partir do engajamento dos indivíduos em conhecer e visitar o projeto, participar de discussões relacionadas ao tema, bem como interagir com sujeitos que possuam interesse pelo Street River.

Das Matas Ribeirinhas aos Veículos de Comunicação

No decurso da gradual das modificações culturais e comunicacionais, novas formas de comunicação surgem no cotidiano dos indivíduos de determinada sociedade, as mídias anteriores não deixam de existir ou se tornam obsoletas, pelo contrário, passam a coexistir simultaneamente; num processo no qual aponta haver uma sincronização entre mídias e as linguagens que lhes dão forma, que se sobrepõem parcialmente uma na outra. É neste contexto que Pierre Levy (1999) chama atenção para o “dilúvio de informações” presentes no ciberespaço, no qual imagens, dados, propagandas e conexões em rede entre indivíduos e mídias se multiplicam de forma exponencial, num constante movimento de mútua afetação. Para Levy (1999), “As arcas do segundo dilúvio dançam entre si. Trocam sinais. Fecundam-se mutuamente. Abrigam pequenas totalidades, mas sem nenhuma pretensão ao universal” (LEVY, 1999, p.15).

Esta proliferação de elementos é perceptível na divulgação que o projeto Street River ganhou nas mídias tradicionais e nas digitais. Na mídia tradicional é possível perceber como foram evidenciadas as origens do projeto, em reportagem publicada no jornal O Liberal, por meio de entrevistas com seu idealizador, Sebá Tapajós, nas quais revela o que o motivou a criar o projeto Street River, que perpassa questões sociais e a capacidade que as artes têm de proporcionar visibilidade e oportunidades aos sujeitos –

ideia compartilhada com os demais artistas visuais que aderiram à iniciativa de Sebá Tapajós. Também foi mostrado o empoderamento dos ribeirinhos que vivem na Ilha, através de depoimentos nos quais narram suas impressões sobre o projeto e as mudanças proporcionadas na realidade local.

Ainda nas plataformas da mídia tradicional, o projeto Street River também foi divulgado em reportagens para televisão¹⁷, como a que foi exibida no telejornal SBT Brasil¹⁸. O conteúdo que o material audiovisual carrega é, em si, bastante semelhante ao que foi veiculado na plataforma impressa: os habitantes da Ilha externando o que acharam sobre as intervenções artísticas feitas por Sebá Tapajós, que também relata uma das ideias principais que o motivou a criar o projeto: trazer visibilidade à população tradicional da Ilha do Combu.

Ao perceber as semelhanças no conteúdo divulgado, notamos o uso do processo de *crossmedia*¹⁹. Segundo este conceito, originário no campo de estudo da comunicação e do ciberespaço²⁰, o conteúdo divulgado passa por poucas ou nenhuma alteração entre diferentes plataformas de comunicação; de modo que a mesma mensagem é continuada. As semelhanças notadas na divulgação do Street River se devem ao fato de haver um departamento pensado e montado diretamente para elaborar a comunicação externa para o evento, que utilizou de práticas de *crossmedia* na divulgação, seja na mídia tradicional, com o conteúdo presente na reportagem do jornal O Liberal e na que foi veiculada no telejornal SBT Brasil; assim como na mídia digital, por meio das ferramentas Facebook e Instagram, que serão analisadas a seguir. Além disso, de acordo com Flávio Miyamaru (2008), o processo de *crossmedia* também funciona como “[...] uma forma de indicar e incentivar o usuário que a continuação da história pode ser realizada em outra mídia” (MIYAMARU et al., 2008, p.4), contribuindo para que os sujeitos mantenham o interesse em acompanhar os processos de comunicação.

¹⁷ Reportagem disponível no link a seguir: <https://www.youtube.com/watch?v=tAz31k9mg-Q>

¹⁸ Telejornal brasileiro, produzido e exibido ao vivo pela emissora de TV SBT, que vai ao ar de segunda a sábado das 19h45 as 20h30.

¹⁹ Termo de língua inglesa que significa “mídia cruzada” ou “mídia atravessada”. É quando uma mesma mensagem é transmitida por diversas mídias sem sofrer alteração no conteúdo

²⁰ É o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo (LEVY, 1999, p.17).

Das Redes de Pesca às Redes da Internet

Com a consolidação do ciberespaço, as mídias passam por um intercâmbio nos fluxos de conteúdos, nos quais plataformas distintas se tornam interligadas por processos de produção, divulgação e consumo de informações e ideias, que Henry Jenkins (2009) denominou cultura da convergência. Um dos principais aspectos deste processo, conforme Jenkins (2009) é a incorporação das funções de elementos da internet e suas apropriações em uma única mídia, já que “Novas tecnologias midiáticas permitiram que o mesmo conteúdo fluísse por vários canais diferentes e assumisse formas distintas no ponto de recepção” (JENKINS, 2009, p.38). Foi no ciberespaço, que o projeto Street River teve sua maior repercussão entre usuários e apreciadores de artes visuais e de intervenções urbanas, por meio das ferramentas Facebook e Instagram – pelo que pôde ser observado por meio das falas dos interlocutores e pela análise do compartilhamento de conteúdo nestas ferramentas de comunicação.

Das respostas obtidas, os interlocutores afirmaram de várias formas, que tomaram conhecimento da galeria fluvial pelas ferramentas digitais de comunicação. “Na mídia digital, o projeto foi muito bem divulgado! Vários sites dos outros grafiteiros que participaram estavam divulgando, além de blogs, as páginas no Facebook e das contas no *Instagram*”, declarou uma das interlocutoras. Outro usuário afirmou que “É notória a alta propagação dessas propostas em mídias alternativas e não convencionais, atingindo diretamente os segmentos interessados nesse tipo de iniciativa inovadora”.

Na rede social da internet Facebook, o Street River conta com uma página, que leva o nome do projeto, onde há divulgações de fotografias das intervenções artísticas (Vinculadas pelo Instagram), de reportagens e vídeos, veiculados na mídia tradicional e nas demais mídias digitais, sobre o projeto e onde é possível que usuários deixem comentários. No Instagram o Street River pôde ser acompanhado pelo perfil virtual de Sebá Tapajós e pela *hashtag*²¹ #StreetRiver, utilizada por ele desde antes da disseminação do projeto nas mídias, em meados de 2015 e 2016, como uma ideia embrionária, já em pesquisa. Na busca pelas fotografias e vídeos publicados utilizando a *hashtag* foram encontradas cerca de 2030 publicações. Do total de publicações encontradas, a maioria se relacionava com a temática do projeto (São fotos e vídeos feitos por Sebá Tapajós, pelos artistas visuais que participaram do projeto e por usuários que visitaram a galeria fluvial); enquanto uma menor

²¹ São palavras-chave ou termos associados a informações ou discussões que viram hiperlinks dentro da rede, indexáveis pelos mecanismos de busca, que criam interações dinâmicas do conteúdo com os outros integrantes da rede social digital, que se interessam por determinado assunto presente na ferramenta.

quantidade não apresentava ligação com o Street River (Tratam-se de conteúdos produzidos por demais usuários da ferramenta de edição de fotografias).

Tal quantidade foi alcançada, pois, o uso das *hashtags* acontece em nível mundial e pode ser feito por qualquer usuário da ferramenta – o que justifica a quantidade de fotos e vídeos encontrados e podem ser corroboradas pela afirmação de Raquel Recuero (2014) em seus estudos sobre conversações na internet “Com isso, as conversações tomam outra dimensão: elas são reproduzidas facilmente por outros atores, espalham-se nas redes entre os diversos grupos, migram e tornam-se conversações cada vez mais públicas” (RECUERO, 2014, p.116). Portanto, a análise de *hashtags* em uma rede social da internet não se restringe a aspectos quantitativos, pois o objetivo desta pesquisa é analisar qualitativamente os conteúdos diretamente ligados do projeto. As fotografias disponibilizadas em ambas as ferramentas mostram principalmente detalhes, como os habitantes mais velhos da Ilha retratados nas pinturas e a ligação entre estes sujeitos e as intervenções nos locais. São estes tipos de fotografias relacionadas ao Street River que mais repercutem na ferramenta, ganhando uma média de 200 curtidas e comentários dos usuários que demonstram interesse em conhecer mais a galeria fluvial.

Conforme aponta Recuero (2014), é possível observar o nível de engajamento dos usuários através de curtidas, comentários e compartilhamentos. Segundo esta pesquisadora, as curtidas funcionam como um meio de proporcionar visibilidade e legitimação, em uma espécie de concordância àquilo que foi curtido (2014, p.120). Deste modo, as fotos disponibilizadas alcançaram grande visibilidade por entre os atores sociais presentes no ciberespaço, ao observar o número médio de curtidas que cada uma recebeu. Além das curtidas, há a presença de diversos comentários, feitos por usuários, nas imagens do projeto presentes no aplicativo de fotos. Recuero (2014) destaca que os comentários denotam um engajamento ainda mais forte na conversação, uma vez que:

É uma ação que não apenas sinaliza a participação, mas traz uma efetiva contribuição para a conversação [...] O comentário compreenderia assim uma participação mais efetiva, demandando um maior esforço e acontecendo quando os usuários algo a dizer sobre o assunto. (RECUERO, 2014, p.120)

Este engajamento se torna mais evidente nas redes sociais da internet quando os usuários utilizam os comentários para deixar opiniões e marcar outros atores presentes na ferramenta, como foi verificado no Instagram. Além de auxiliar na visibilidade e divulgação das ações do projeto Street River, ao citar demais sujeitos em comentários, é possível

envolver outros indivíduos na conversação, oportunizando informações e valores sobre o projeto, já que, “As inúmeras vozes que ressoam no ciberespaço continuarão a se fazer ouvir e a gerar respostas” (LEVY, 1999, p.16). Isto aconteceu com um dos interlocutores, que disse ter conhecido o projeto através do Facebook e de amigos interessados em participar das visitas.

Outro fator advindo da prática dos comentários é a aproximação e interação com demais sujeitos com interesses comuns, uma vez que, como observa Recuero (2014), o aprofundamento das práticas de conversações *on-line* faz com que diversos grupos entrem em contato (p.121). Além de possibilitar que os sujeitos demonstrem interesse em visitar a galeria fluvial, bem como eles mesmos passem a contribuir ativamente na divulgação da iniciativa.

Sociabilidade e Empoderamento Guiados por Grafites e Barcos

A partir da interação e engajamentos possibilitados pelas práticas de curtir, comentar e compartilhar os conteúdos relacionados ao Street River nas redes sociais da internet, podemos observar o que Jenkins (2009) classifica como cultura participativa. De acordo com este conceito, há uma mudança na relação entre os sujeitos e os meios de comunicação, na qual o ciberespaço se torna um local simbólico de sociabilização entre indivíduos e produções midiáticas. Como afirma Simmel (1983), o compartilhamento de conteúdo é capaz de gerar laços de sociabilidade. Esta prática foi percebida e ressaltada por um dos interlocutores, já que:

As redes sociais unem pessoas. Elas acabam sociabilizando. Através de um símbolo (a *hashtag*), a gente conseguiu ter acesso a uma foto que não foi nem a gente que tirou, mas aparecia nela, mas que fazia parte do mesmo projeto. Tudo isso aconteceu depois que uma pessoa que estava fotografando no dia da visita disse que iria disponibilizar a foto nas redes sociais e disse como a gente podia procura-la pela *tag*.

Os laços de sociabilidade gerados a partir das novas formas de consumo intrínsecas à convergência das mídias também geram impactos na construção das identidades. De acordo com Michel Maffesoli (1998), o contato com o outro e com sua história faz com que o indivíduo “desempenhe papéis emocionais” (p.160) ao compartilhar emoções. Ainda assim, o sujeito tem sua subjetividade reforçada e mesmo formada num contexto de múltiplas identidades, que são construídas em âmbito global e coletivo, por meio desta

troca. Este processo de mútua afetação também foi percebido por um dos interlocutores na visitação à galeria fluvial:

Percebi que os moradores não só deram todo o suporte para que os artistas pudessem trabalhar, mas também compartilharam histórias que com certeza inspiraram os trabalhos dos artistas. Mas o principal mesmo foi a quebra do preconceito. As cores alegam as casas dos ribeirinhos e mudaram a percepção dos moradores em relação ao grafite.

Outro aspecto da cultura participativa mencionado por Jenkins (2009) é a criação colaborativa, consequência do empoderamento por parte dos sujeitos, que são estimulados a se expressar sobre os conteúdos com os quais têm contato. É pertinente traçar um paralelo sobre esta formulação com o que André Lemos (2002) observa em seus estudos sobre cibercultura. Ele ressalta que a maior parte das apropriações do ciberespaço acontece por meio de atividades socializantes, que funcionam como experiências agregadoras na internet. Sobre isso, um dos interlocutores, por ocasião do trabalho de campo desta pesquisa, relatou que:

O Instagram e o Facebook foram muito mais dinâmicos que uma mídia tradicional, por exemplo. Porque são mídias onde as pessoas produzem conteúdo, podem publicar. Na mídia tradicional você só é atingido pelos conteúdos. Na digital, você é atingido, mas também atinge; recebe, mas também pode produzir.

Este empoderamento proporcionado pelas mídias digitais, conforme ressalta Jenkins (2009), faz com que o ciberespaço se torne instrumento de mobilização cultural, social e política. Assim, o ciberespaço pode ser um facilitador para o surgimento e consolidação de movimentos que possibilitam mudanças sociais. Além disto, por meio das falas dos interlocutores, foi perceptível que estes movimentos também afetaram os ribeirinhos que vivem na Ilha do Combu. Um dos interlocutores afirmou crer que uma das intenções do projeto seja proporcionar visibilidade às comunidades carentes do Estado através da arte. Segundo Fábio Castro (2012), a produção das identidades locais é fortalecida pela aproximação da arte, política e da própria vida, que também influenciam processos de interação. “[...] à medida que se aproximam arte, política e vida, em geral, os processos de socialização, de interação e de produção de significação se intensificam, produzindo recorrentes significações da experiência” (CASTRO, 2012, p.442-443). De certa forma, acrescentou em seguida, que as pinturas servem como uma forma destas subalternidades contarem suas histórias e se tornarem visíveis, no sentido de chamar a atenção para si e suas

necessidades. Além de trazer a beleza da arte pra dentro de cada uma das 200 famílias que lá vivem, mostrando que estas não são totalmente esquecidas pela sociedade civil.

Considerações Finais

Este estudo se propôs a analisar como os meios de comunicação divulgaram o projeto de artes gráficas Street River e as narrativas midiáticas referentes à iniciativa, bem como estas plataformas fomentam marcações identitárias e de laços de sociabilidade entre os usuários de tais plataformas, na vivência das “diversas Beléns” que coexistem em espaços físicos e simbólicos. Especificamente no que se refere às mídias tradicionais e digitais e aos conteúdos existentes no ciberespaço.

A partir da coleta de dados realizada nas três fases da pesquisa de campo, foi possível avaliar alguns pontos acerca destes processos. Mídias que apresentam semelhanças entre si veiculam conteúdos de forma muito parecida, se adaptando às características inerentes a cada um deles, como no caso das mídias tradicionais. Este processo também foi observado nas plataformas digitais abordadas. Deste modo, mídias semelhantes apresentam narrativas *crossmedia*. E, ao colocar em contato o tradicional e o digital, foi possível verificar a ocorrência de narrativas transmidiáticas²². Assim, ambas se complementam e oferecem uma visão abrangente na divulgação de determinado conteúdo.

As plataformas digitais proporcionam uma divulgação mais aprofundada e eficaz sobre temas relacionados às formas de arte independente, nas quais os usuários que consomem a informação podem não apenas recebe-las, mas também se apropriar delas produzir novos conteúdos e formas de comunicação, assim como difundi-las por entre os sujeitos que integrem suas redes sociais. Consequentemente, proporcionando novos usos apropriações das informações, das artes e do ciberespaço.

Com a adesão de sujeitos às manifestações artísticas, os meios meio de comunicação fazem com que laços de sociabilidade se formem ou se fortaleçam, proporcionando o empoderamento dos sujeitos por meio do contato e da troca de experiências, que fazem com que as novas mídias e o ciberespaço possam ser agentes de mudanças que dão visibilidade a problemas sociais e às comunidades carentes.

Após tais considerações, é válido destacar o quão vasto é o campo de estudos sobre as mídias digitais relacionadas às interfaces comunicacionais e às formas de sociabilidade

²² Narrativa desenvolvida por meio de diferentes plataformas midiáticas, na qual cada uma contribui de forma distinta para a compreensão do universo do conteúdo retratado.

advindas desta relação. Além de ser bastante fecundo para a realização de novas pesquisas do campo de estudos da comunicação. Portanto, esta pesquisa não tem a finalidade de esgotar o assunto, uma vez que consideramos oportuno o estudo do modo como as mídias digitais fazem a “contação de histórias” dos sujeitos valorizadas no contexto de manifestações culturais e políticas.

REFERÊNCIAS

- BLUMER, H. **A natureza do interacionismo simbólico**. In: MORTENSEN, C. (Org.). Teoria da Comunicação: textos básicos. São Paulo: Mosaico, 1980.
- CASTRO, F. **As guitarradas paraenses: um olhar sobre música, musicalidade e experiência cultural**. *Contemporânea – Comunicação e Cultura*. v.10, n.2, p.442-443, mai./ago. 2012.
- GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. 14. ed. Trad.: Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis: Vozes, 2004.
- INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO FLORESTAL E DA BIODIVERSIDADE – IDEFLOR-BIO. **Área de Proteção Ambiental da Ilha do Combu**. Disponível em: <<http://ideflorbio.pa.gov.br/unidades-de-conservacao/regiao-administrativa-de-belem/area-de-protecao-ambiental-da-ilha-do-combu/>>. Acesso em: 22 mar. 2016.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Censo Demográfico 2010**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/sinopse/sinopse_tab_rm_zip.shtm> Acesso em: 20 mar. 2016.
- JENKINS, H. **Cultura da convergência**. 2. ed. Trad.: Susana Alexandria. São Paulo: Aleph, 2009.
- JOAS, H. **Interacionismo simbólico**. In : GIDDENS, A.; TURNER, J. (Org.). Teoria social hoje. Trad.: Gilson C. Cardoso de Sousa. São Paulo: UNESP, 1999.
- LEMOS, A. **Cibercultura: Tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- LÉVY, P. **Cibercultura**. 6. ed. Trad.: Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2007.
- MAFFESOLI, M. **Elogio da razão sensível**. Trad.: Albert Christophe Migueis Stuckenbruck. Petrópolis: Vozes, 1998.
- MIYAMARU, F. et al. **Qualidade da informação em sistemas convergentes cross-media**. 2008. Disponível em: <http://tsi.pcs.usp.br/xgov/pub/anexos_xgov/@0048%20MIYAMARU%20DOMINGUES%20Qualidade%20da%20informacao%20em%20sistemas%20convergentes%20cross-media>. Acesso em: 20 mai. 2016.
- PANTOJA, B. **Arte dá visibilidade aos ribeirinhos**. *O Liberal*. Pará. p.8, 28 Jan. 2016.
- RECUERO, R. **Curtir, compartilhar, comentar: trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook**. *Verso e Reverso*. v.28, n.68, p.116-121, mai./ago. 2014.
- SALA DE IMPRENSA IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **IBGE divulga as estimativas populacionais dos municípios em 2015**. Disponível em: <<http://saladeprensa.ibge.gov.br/noticias?view=noticia&id=1&busca=1&idnoticia=2972>>. Acesso em: 24 mar. 2016.
- SIMMEL, G. In: MORAES FILHO, E. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.
- VIEIRA, M. C. **Os jovens flâneurs.com: a construção e a liquidez da identidade no espaço das redes sociais da Internet**. Belém: UFPA, 2013. Tese (Doutorado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal do Pará, 2013.